



Director literario:

Atzquijos
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

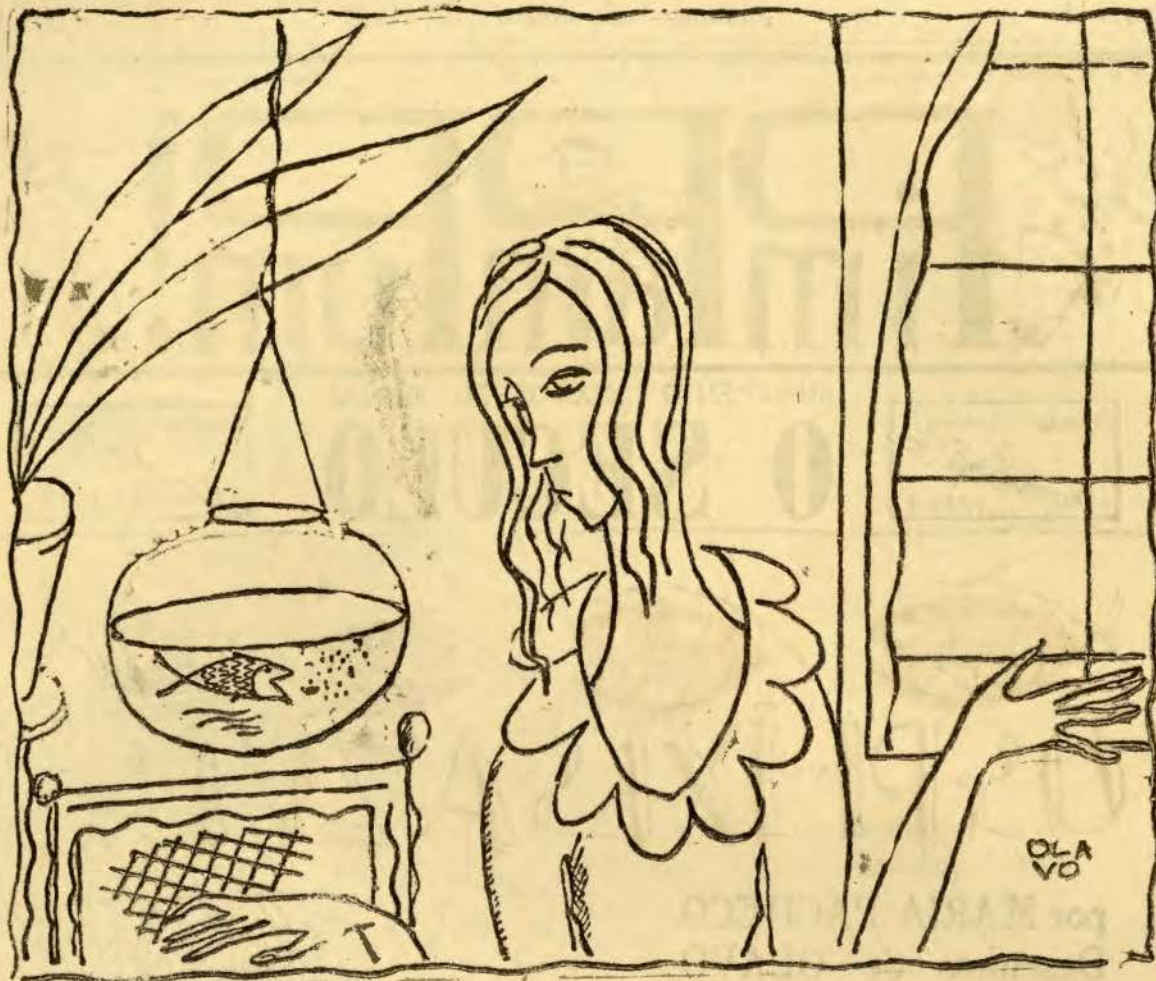
Director artistico:

Edwardo Lalle
 PAPUSSE

 por MARIA PACHECO
 Desenhos de OLAVO


EQUANTO o sol descia espalhando pelos prados e colinas os últimos raios dourados, a princezinha regava com um regador de ouro as rosas do palácio. Era baixa e frágil, tão frágil que os contornos do seu corpo se perdiam nas pregas do vestido de brocado. Os cabelos caíam em longas tranças e eram tão brilhantes como as finas pedras da sua corôa. Continuava a regar, admirava aqui e ali uma rosa que, pela cor ou forma, lhe despertava a atenção. Ouviam-se ao longe os cantares das raparigas... Junto ao palácio um garoto apregoava: — Quem compra peixinhos, peixinhos azuis?! — A princesa admirada da cor dos peixes, pois nunca ouvira falar que os houvesse azuis, chamou o garoto e, achando-os muito engraçadinhos, comprou-os. Meteu-os numa redoma de cristal e levou-os para o quarto. Passados momentos, foi de novo admirar os peixes mas só um estava vivo. Muito triste deitou-se. Quando acordou a redoma estava cheia de água, mas o peixe desaparecera. Ao dar o meio dia, a voz do garoto apregoava: — «Quem compra peixinhos, peixinhos azuis? A princesa correu à janela e, chamando-o, comprou-lh'os. Desejosa de vê se aconteceria o mesmo que na véspera, não despregava os olhos da redoma. As horas passaram lentamente e a princezinha vencida pelo sono adormeceu. Quando acordou os peixes tinham morrido, excepto um que descrevia airoas voltas na água límpida da redoma. Ficou aborrecida, mas jurou que não mais dormiria para observar o que aconteceria ao peixe que lhe restava. No palácio tudo dormia, só a princesa Margarida vigiava a redoma de cristal. Meia noite sôa e, mal a última badalada ecoa pelos pateos desertos, entra, pela janela que a princezinha costumava deixar aberta, uma água que levou no bico o peixinho, Margarida correu ao jardim e seguiu numa correria louca em perseguição da água que levava presa a uma asa uma estrêla tão brilhante que iluminava o caminho.





Correu, correu, e, extenuada, sentou-se, encostada a uma frondosa árvore. Queria dormir, mas tinha medo. Quando o sono a ia invadindo, ouviu um barulho de vozes misturado de risos. Amedrontada, escondeu-se o mais que pôde. As vozes tornavam-se mais distintas e diziam: Sabes, o príncipe Hilário, quando a águia voltou com o peixe, quiz saber se a princesa Margarida a seguira e eu, como ele não sabia quem lhe respondia, fiz fugir a águia e disse-lhe que a princesa me seguira mas que um leão a tinha devorado. — Fizeste bem (respondeu a outra voz), roubaste-lhe as últimas esperanças de salvação, só tem dois dias em que readquirirá a forma humana, depois viverá eternamente encantado. Só a princesa Margarida o pode salvar, mas nunca o conseguirá porque desconhece onde fica o lago azul. As vozes afastavam-se, só uns ruídos chegavam aos ouvidos da princezinha, e depois o silêncio. Muito triste de não poder valer ao príncipe, chorou muito e, por fim, adormeceu. Acordou quando o sol já ia alto. Começou a andar e, com os pés ensangüentados, avistou uma aldeia. Perguntou onde ficava o lago azul, mas ninguém lhe sabia dizer. Novamente a caminho, andava, andava e a noite caía negra, desdobrando, a pouco e pouco, o seu manto estrelado. Restava-lhe só um dia para salvar o príncipe. Condoída com a sorte de Hilário, corria, esperançosa em encontrar o misterioso lago. Atravessava aldeias, indagava a todas as pessoas que encontrava o que desejava ardentemente saber mas, desiludida, prostrada pela fadiga, deixou-se adormecer. Um as fadas que passavam chamaram-na e depois de saberem o que se passara, disseram-lhe: «As vozes que ouviste eram as das bruxas que encantaram o príncipe Hilário em peixe no lago azul. Só uma pessoa a quem ele amar o poderá salvar. Foste a escolhida; poucas horas te faltam para o poderes restituir à liberdade. Ensi-narte-hei onde está o lago azul; acompanha-nos». Foram andando e, quando chegaram à floresta, as fadas bateram com as varinhas de condão numa árvore que imediatamente desapareceu, mostrando uma escada de mármore rosado,

Despediram-se da princezinha, que desceu a sumptuosa escadaria e, ante os seus olhos maravilhados, passaram as maiores riquezas que possam imaginar-se. As paredes eram em brilhantes enormes. Por todos os lados as mais variadas estátuas em bronze e esmeraldas. Bateram as onze e meia quando a princezinha atravessou uma lindíssima porta de coral. A seus pés estendia-se o lago, dum azul puríssimo. Escondeu-se entre as árvores de pérolas que cresciam nas margens do lago. Quando soaram as doze badaladas, as águas começaram a agitar-se e um peixe saiu que, a pouco e pouco tomou a forma humana. Era um príncipe lindo. Chorou o último dia que lhe restava para adquirir a forma humana porque as esperanças de se ver livre do encanto já tinham desaparecido quando soube da morte da princesa Margarida. A hora fatal aproximava-se. Chegava o momento em que renunciaria à vida para viver eternamente encantado. Dedilhando levemente as cordas da lira cantou:

Eu amei da terra um anjo
Para toda a minha vida!
Era a visão dos meus sonhos,
Chamava-se Margarida.

Quando a princesa ouviu pronunciar o seu nome, saiu do esconderijo e correu para Hilário. Ouviu-se um estrondo enorme e num abrir e fechar de olhos tudo se havia transformado. A águia, no pai do príncipe; o lago no poderoso reino e as estátuas no povo que delirante aclamava a linda libertadora. Passadas as primeiras manifestações de alegria, Hilário mandou preparar um luxuoso côche para levar a princesa ao seu reino. Quando Margarida chegou ao seu palácio e contou ao pai tudo o que se passara, Hilário pediu-lhe que consentisse que Margarida fôsse sua noiva e a princesa fez idêntico pedido porque gostava muito do príncipe. O rei anuiu e vivem ainda hoje muito felizes num reino muito distante.

BOLOS DE AREIA

por TI, JUCA
Desenho de
COSTA PINTO



COM seus dois baldes de lata
mas que parecem de prata,
à hora da maré cheia,
vai o Quim, à beira mar,
fazer bolinhos de areia,
para depois os vender
a quem lhos queira comprar.

Mas se ninguém os quizer,
não é nenhuma desgraça,
e nada se rala o Quim;
torna os bôlos numa massa
e faz bolas de Berlim.

Se mesmo assim não houver
alguém que as queira comprar,
não se rala mesmo assim;
torná-las-há a amassar
fará um belo pudim.

E se não houver quem queira
comprar o doce, por fim,
do balde improvisará
uma bela sorveteira
e a seguir transformará
em sorvetes o pudim!



O COLAR DE BRILHANTES

por ANA PINA
Ilustrações de
DEAVO



RA nma vez um fidalgo que tinha uma filha linda como o sonho dum pintor a podia imaginar. O conde Reynaldo, que assim se chamava o aristocrata, guardava, porém, a formosa Carmen como quem guarda um tesouro. Sómente ele e uma aia viam a donzela, e ela também nunca vira mais ninguém. O motivo da recusão a que Carmen estava sujeita era

o seguinte: Vinte anos antes, o conde casára com a marquezita Emilia, dama de rara beleza, e a quem o rei de Espanha chamava a mais bela flôr da côrte. Dêsse casamento nascêra Carmen. D. Emilia morrera ao fazer um ano de casada, e o conde nunca mais se consolára da perda da esposa. Abandonou Madrid e veiu com a filha e a aia viver

para o seu castelo na Galiza. Carmen cresceu em graça e beleza e aos dezanove anos era um milagroso retrato de sua mãe. O pai guardava-a, avaramente, para que nenhum jôvem se enamorasse dela, pois era sina na família que todas as jôvens morreriam ao fazer um ano de casadas. Este tado só terminaria se conseguissem pôr no colo das noivas, antes de casar, um colar de brilhantes que uma fada má roubára à avó de D. Emilia. O conde tinha por costume sair todas as manhãs cedo e só voltava depois do meio-dia. D. Ermelinda, a aia, aproveitava a ausência do conde, e o sôno de Carmen, para ir à missa.

Uma manhã a linda rapariga acordou cedo. Vendo-se só, resolveu descer ao jardim. Desceu a escada de mármore e, vaporosa como uma ninfa, esgueirou-se por entre as árvores. Uma voz sonora e bem timbrada entoava uma canção, perto dela. Carmen quiz vêr o cantor. Subiu a um banco de pedra que estava rente ao muro e espreitou. Este muro separava o sen jardim do jardim do palácio vizinho. Carmen viu um rapaz moreno, belo e elegante, indolentemente deitado numa rêde suspensa entre duas ôrvores.



Ilustração de DEAVO

25
10

Os formosos olhos do rapaz fitaram-se naquele rosto peregrino e quedaram-se, encantados.

Carmen era encantadora. O rosto, de rosada alvura, era emoldurado por uma cabeleira castanho-escuro, que ela usava em duas tranças. Duas rosas dum vermelho vivo, enfeitavam aquela cabeça deliciosa. Dum salto, ele achou-se junto dela e quando a assustada menina quiz fugir, já ele a segurára pelas mãos. Travaram conversa. Ela contou-lhe a sua triste vida de reclusa e os motivos que a isso obrigavam seu pai; ele disse-lhe que se chamava Daniel e que seu pai, o duque D. José Veríssimo, era o primeiro ministro do rei D. Pedro.

Viviam naquele palácio devido a D. Elvira, a duqueza, ter uma saúde tão delicada que só no campo se sentia bem. Uma vózita de anjo, entretanto, interrompeu o diálogo. Era Zami, a irmã de Daniel, que o chamava. Zami era uma morenita adorável. A mais viva simpatia reinou, desde logo, entre os três. Combinaram encontrar-se todos os dias, no mesmo sítio. Assim foi, Daniel descobriu uma porta aberta no muro, que um massiço de rosas tapava. Desde então, não eram empoleirados no muro que fatavam, mas sim, comodamente sentados no jardim dos duques.

Mais de uma vez os três inseparáveis amigos tinham tomado o «petit-dejeuner» com a duqueza Elvira, que achava a filha do conde encantadora. Certa manhã, Carmen, encontrou Zami só e toda chorosa. Aflita, Carmen, quiz saber o causa de tão sentido pranto.

— «Daniel partiu! Ama-te e quer conquistar o colar para te poder desposar. Ai! Carmen, creio que perdemos Daniel para sempre!»

Carmen, embora bastante amargurada, alimentava a doce esperança de que Daniel voltaria. Daniel partira antes do sol nascer, montado no seu cavalo Zampa. Dirigia-se, a todo o galope, ao reino da fada Amina, que era tão formosa quanto cruel. No caminho encontrou um pobre rapaz que não podia andar por ter cravado um espinho num pé. Daniel fez-lo saltar para a garupa e continuou o seu caminho. A certa altura parou, a pedido do rapazito. Mal este saltou para o chão, logo se transformou numa linda fada, que toda risonha lhe disse: Obrigado, belo cavaleiro.

Tirou do delgado dedo um anel com uma safira e deulho recomendando-lhe que, quando se visse aflito, se lembrasse do anel e da fada Paloma.

Daniel seguiu o seu caminho vivamente impressionado. Paloma desaparecera.

Daniel chegou ao reino da fada Amina e teve de confessar que ela era quasi tão bela como Carmen. Amina deu-lhe as boas vindas e ofereceu-lhe uma taça de ouro, com um licôr azulado. Era o licôr do Esquecimento. Sob o magico poder dos olhos da formosa fada, Daniel ia a levar a taça aos lábios. Os seus olhos fitaram-se no anel, maquinalmente. Lembrou-se d'ele e murmurou baixinho o nome de Paloma, e logo a taça lhe estalou entre os dedos, e o fatal licôr se derramou pelo chão. Os lindos olhos de Amina brilharam de despeito. Daniel disse-lhe ao que vinha e ela indicou-lhe um rochedo, sobre o qual brilhava um cofre de ouro. Para chegar ao rochedo era preciso atravessar uma ponte de uns trinta metros de comprimento. Essa ponte era tão delgada e cortante como o gume duma navalha de barba. Daniel quedou-se a pensar como poderia passar a maldita ponte. Amina sorria, Daniel evocou a imagem de Carmen, e olhando para o anel foi avançando. A' medida que avançava, a ponte alargava.

Os olhos lindos da fada fuzilaram raivosos ao vêrem Daniel pegar no cofre, montar Zampa e partir com uma flecha. De volta a casa, Daniel fazia quasi voar o valente Zampa. Ao entrar no jardim avistou logo D. Elvira e as duas meninas. Correu para elas, envolvendo as três no mesmo abraço. Pouco depois foi ter com D. Reinaldo, pedindo-lhe a mão da filha. Quando o conde, surpreendido e aterrado, quiz responder, Carmen entrou no gabinete. No

seu côlo nevado brilhava o famoso colar. Duas lágrimas de alegria rolaram pelo rosto de D. Reinaldo, que imediatamente deu o seu consentimento.

O casamento realizou-se com grande pompa. O conde mandou deitar abaixo o muro que separava os dois jardins,



somente ele e uma aia

e ficaram assim todos reunidos. Anos depois, D. Elvira, D. José Veríssimo e D. Reinaldo, disputavam, amigavelmente, as caricias de um travesso bebê, sob o olhar, radiante de felicidade, de Carmen e Daniel. Zami, casou com um filho do rei, o mais moço, e foi sempre também, muito feliz.

■ F I M ■

PARA RIR

■ Por OLAYO ■



OLAYO

1

1—O Zé — Não é verdade que o papá não gosta de fazer a barba?

O papá — Com certeza que não, meu filho.

O Zé — E então agradeça-me porque acabei agora mesmo de estragar a sua navalha.



OLAYO

2

2—O filho do padeiro — (com os seus botões) Bem dizia o meu pai que aquele sujeito é um caloteiro descarado: prega os cães e anda a mostrar-os a toda a gente...

Adivinhas

Decifrações das anteriores:

1. Galo — 2. Sol

NO TRIBUNAL

— Sr. Juiz! Eu dei duas facadas na vítima e o sr. Juiz condenou-me á morte. E se eu tivesse dado dez facadas, que me aconteceria agora?...

O Juiz (distráidissimo) — Morreria dez vezes...

PARA OS MENINOS COLORIREM



QUÊM TUDO QUERE... TUDO PERDE!

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

• • • DESENHOS DE OLAVO • • •

LAMBAREIRO era um Bêu-bêu invejoso e muito feio; não podia, em prato alheio, ver pitêu, que logo não invejasse, não ficasse cobiçoso.



Um dia estando Bêu-bêu disposto a saborear um riquíssimo manjar que lhe dera o dono seu, viu, de repente, na frente, um Rinhánhau, um gatinho,

com ar de quem se consola,
a comer um carapau
que o dono do cachorrinho,
lhe atirara por esmola.

Invejoso, logo deixa
Béu-béu
o rico piteu



e, enquanto dura a lambada,
lambe o tacho
de alto a baixo
e não deixa ficar nada.

Finda a luta, contundido,
quâsi exangue,
todo em sangue,
deveras arrependido,



e atira-se ao Rinhánhau
que, com mil razões de queixa,
com fera sanha
o arranha,
defendendo o carapau.

* * *

Entretanto um perdigueiro,
atraído pelo cheiro

volta, entretanto, Béu-béu,
ao piteu
interrompido,
Mas ao ver vasio o tacho
e nem cheiro
volve Béu-béu lambareiro:
—«ó diacho, ó diacho!...
por um tão mau
carapau



do bom piteu
do Béu-béu,
aproveita o belo ensejo,
dá largas ao seu desejo,



deixei um tão bom manjar!
Bem castigado fui eu!...
Não tornarei a invejar
aquilo que fôr meu!»
Conheço muitos bébés,
que são como êste Béu-béu.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■